QUARTA FEIRA 11 DE SETEMBRO DE 1872

Assigna-se e vende-se em casa do sr. Joaquim José Vieira da Rocha, na rua do Souto n.º 41.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte. á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 1$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Annuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

2.º ANNO — PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS — NUMERO 78

BRAGA 10 DE SETEMBRO DE 1872

Uma accusação injusta.

Hoje mais que nunca se levanta ufana, altiva e mentirosa a voz do liberalismo, bradando ás intelligencias duvidosas, aos corações tibios, aos espiritos pusilanimes: «*desprezo, execração, até, aos legitimistas, pois confundem a Religião com a politica e servem-se d'aquella como arma poderosa e meio efficacissimo para o triumpho e victoria d'esta*».

Realmente, de todas as accusações de que o partido legitimista tem sido, e está sendo, victima innocente, por causa do seu logar, sem egual e segundo, na historia do passado, e da sua posição, não pequena, no meio das circumstancias difficeis da actualidade, esta é a mais grosseira e injusta, porque é, de todas, a menos fundamentada e de mais graves consequencias.

O partido legitimista, sempre, se tem mostrado sobranceiro aos attaques e sophismas de seus adversarios, como o attestam os seus feitos grandiosos, que se podem contar por seculos, e as suas tradições gloriosas, que se acham vazadas na prosperidade de muitos povos e nações. É hoje que as aguas revoltas d'um partido, que não é seu, tenta minar-lhe a base, tres vezes respeitavel e respeitada, e apeal-o do seu pedestal de grandeza, levantado pela mão da historia e coroado pela voz dos seculos, o partido legitimista abre o seu codigo de principios e crenças, ainda não maculado pelo êrro, nem tão pouco ferido pela mão do tempo, e exclama ás gerações que passam:

«*Véde: a Egreja Catholica, unica e fiel depositaria da verdade, vigilante custodia das almas que peregrinam, tem, em todos os tempos, respeitado o principio da Legitimidade; e a sua homenagem aos que a defendem em toda a sua pureza, ahi está para attestar que bem merecem da religião e da sociedade os que defendem principio tão catholico e patriotico*».

Por toda a parte o principio da legitimidade tem ganho proselytos, os quaes defendem a religião, mostrando com valor e verdade que o seu systema politico é catholico, e que quem dezeja ser verdadeiro crente de Jesus Christo não póde amar os systemas politicos que estão em manifesta opposição com a palavra revelada, quer oral, quer escripta = *qui non est mecum contra me est* =; e por toda a parte, sem excepção de Roma, o corpo docente da Egreja universal e o seu Chefe supremo e infallivel jámais ham censurado o partido legitimista, antes o tem corroborado com escriptos tão cheios de salutares doutrinas e com exemplos tão repletos de vigor e coragem.

Se o partido legitimista, com seus principios e procedimento, misturasse com a Politica a Religião, confundindo-as ou servindo-se da segunda para vencimento da primeira, não seria isto um êrro no campo dos principios e um crime no campo dos factos, e como tal não exigiria a censura e anathema do Episcopado e Pontifice Romano? Quantas escolas philosophicas, quantos systemas politicos, não tem sido condemnados pelos successores dos Apostolos e pelo successor de Pedro?

Abram-se as actas diocesanas, e ver-se-ha prohibida a leitura de muitos livros e jornaes, que á primeira vista illudiriam os incautos, e que, pela sua aproximação, mais ou menos proxima do êrro ou do vicio, não podiam ser o pasto das almas, confiadas á vigilancia dos pastores da Egreja Catholica.

Lea-se o *Index* dos livros prohibidos, a famosa Encyclica e o, para sempre memoravel, Syllabus do grande, do immortal Pio IX, e ver-se-ha que á vigilancia suprema do pastor universal e infallivel não escaparam os mais subtis sophismas do *liberalismo moderno*, que por toda a parte se acha encarnado e consubstanciado, quer seja no codigo policial e administrativo, quer seja na carta ou constituição governamental d'um povo.

De duas uma; ou os legitimistas defendendo os seus principios, e do modo como o fazem, não abusam, antes estão no exercicio d'um direito e no cumprimento d'um dever, ou então havemos de admittir o não pequeno absurdo de que o Pontifice Romano não é verdadeiramente pastor d'almas, porque as deixa transviar, não lhe gritando que é nocivo o pasto de que se sustentam. E, no entanto, milhares de individuos d'um e outro sexo, espalhados por toda a parte, pensam, fallam, escrevem, obram segundo o seu credo politico que é um só, como o seu credo religioso, e até hoje nem um só bispo, nem um só Papa stygmatisou o seu procedimento, como corpo collectivo e formando uma sociedade parcial, ao passo que tem sido condemnados todos os outros systemas politicos nos seus principios anti-religiosos e anti-sociaes que lhe servem de base.

Os legitimistas nunca confundiram a Religião com a Politica, nem tam pouco, se serviram d'aquella para triumphar esta; e se um ou outro o tem feito, o systema, o todo, não podem fazer-se cargo de accusações em que não tiveram a menor culpa nem para as quaes offerecessem o menor contingente de vontade.

O que elles tem feito, e fazem ainda hoje, é invocar, defender e morrer até pela religião que professam.

O que elles tem feito e fazem ainda hoje é protestar publicamente contra todos os decretos e leis que tem por base um principio revolucionario, por origem um interesse mesquinho e uma vil e abjecta ambição e por fim a oppressão e desmoralisação dos povos.

O que elles tem feito e fazem ainda hoje, é gritar por justiça quando veem talado o campo do seu visinho, mercadejada na praça a honra d'um homem de bem.

O que elles tem feito e fazem ainda hoje é supplicar as migalhas caidas do banquete dos vencedores para aquelles que arrastam os andrajos da miseria.

Quem tem confundido a Religião com a Politica sois vós que, não lhe daes outra consideração, nem outro logar ou posto de honra, senão o de agente policial para conter os povos quando desenfreados pela libertinagem consentida e não castigada.

Quem tem confundido a Religião com a Politica sois vós que no delirio d'uma razão desvairada e d'um coração corrompido, proclamais que a Egreja, unica depositaria da verdadeira Religião, precisa de reformas, como se Egreja e Religião fossem de instituição humana, ou algum systema politico.

Quem tem confundido a Religião sois vós que tendes modificado e ajustado a Religião aos vossos falsos principios politicos, como se aquella fosse filha ou irmã d'esta, e não mestra ou guia que deva dirigir os homens em todos os seus passos.

Quem tem confundido a Religião, sois vós que ..... basta.

Não tendes do vosso lado, nem a logica nem a historia; e as armas com que quereis attacar-nos servem para vos esmagar.

Boa nova para catholicos.

Chegou-nos á mão a folha religiosa e litteraria brazileira *Tribuna Catholica*, que é considerada como orgão da *Associação de instrucção religiosa*, inaugurada ultimamente na cidade do Ceará.

Sobremaneira exultamos em ver que se levanta com tanta galhardia no vasto imperio do Brazil, em terra tão abençoada por Deus, uma cruzada em favor da Igreja, da instrucção religiosa d'aquelles povos, e da diffusão das sans doutrinas moraes, contra a brutal impiedade, e a maçonaria, que n'aquellas regiões, ousada e infrene parece querer avassallar a Igreja, e varrer o catholicismo da face d'aquellas plagas e do seio da familia.

Coube a iniciativa d'este pensamento immensamente moralisador, ao illustre doutor Manoel Soares da Silva Bezerra, uma das primeiras capacidades litterarias d'aquella provincia, protegido com a maior dedicação pelo venerando, virtuoso e illustrado bispo da referida diocese, o Exm.º e Rm.º Sr. D. Luiz Antonio dos Santos, que tomou a presidencia da precitada *Associação de instrucção religiosa*.

E muito folgamos de registrar nas columnas da nossa folha, que na solemne e magestosa sessão inaugural, a que assistiram as auctoridades e muitas outras pessoas mais notaveis da terra, pertenceu a honra de proferir o *discurso* da abertura a um patricio nosso, o Rvd.º P.e José Joaquim da Silva Freitas, filho do nosso illustre amigo o Snr. commendador Senna Freitas, escolhido pelo mesmo Exm.º Bispo, para ser o interprete dos sentimentos dos associados.

Em seguida temos a satisfação de transcrever da *Tribuna Catholica* a noticia da installação da sobredita *Associação* e o eloquente e succulento *discurso inaugural*, porque para verdadeiros catholicos é motivo jubiloso, ver os progressos da catholicidade entre os nossos co-irmãos brazileiros.

«O fervor religioso produzido pela graça abundante que a Mãe de Deus derramou sobre os corações, não podia parar n'uma manifestação esteril, mas assimilhar-se a uma torrente que resalta de rochedo em rochedo. Não parando pois, nas veleidades que passam, deixando apenas a lembrança de sua passagem, quiz perpetuar-se na idéa e no sentimento grandioso, que se encarnára em uma sociedade, immorredora pela successão das gerações.

Muitos cearenses, de ambos os sexos, em numero de mais ou menos duzentos, sem distincção de côr politica, convidaram para seu presidente, director e instructor o Exm.º Snr. D. Luiz Antonio dos Santos, Bispo d'esta diocese, que cedeu aos bons dezejos de seus diocesanos, e se constituiram n'uma sociedade religiosa.

S. Ex.ª Rvm.ª instalou esta sociedade no dia 2 do corrente 5 e meia horas da tarde, no consistorio da Cathedral. Principiou o acto pela leitura dos estatutos, por elle approvados, depois do que o Rvm.º Snr. Padre Freitas, bem conhecido n'esta provincia como missionario, e admiravel prégador, leu um brilhante discurso, digno de seu grande talento, saber e eloquencia, com o qual enthusiasmou a todos a ponto de romperem em applausos ao orador no fim da leitura.

N'este discurso, que adiante publicaremos, verão os leitores a sublimidade da concepção e do fim que se propõe os associados; e estes, as bellas razões porque devem amar e perseverar no seu proposito magnanimo, em que é de esperar que sejam imitados mais cedo ou mais tarde em todo o imperio, cabendo-lhe por isso a gloria da iniciativa.

S. Exc.ª Rvm.ª, assistido de varios sacerdotes, presidiu a este acto da instalação da sociedade, e fallou por ultimo, louvando os sentimentos e a resolução de todos, excitando-os a perseverarem e a fazerem todos os esforços para que produza esta associação os fructos de benção, que é de esperar: e acabou por declarar instalada a associação religiosa de instrucção, e abençoal-a em nome de Deus de quem é digno apostolo.

O dia 2 de Junho de 1872 abriu uma nova éra para a capital e provincia do Ceará, e quiçá para todo o Brazil.

Discurso pronunciado pelo Padre José Joaquim da Silva Freitas, no dia 2 de Junho de 1872, na inauguração da nova Associação Religiosa Cearense.

EXM.' E RVM.' SR.

Senhores. — Só se basta a si proprio Aquelle ser unico, que é a razão bastante de tudo quanto existe ou póde existir: Mas o homem é por essencia um ente — de relação —, e o isolamento, fazendo-lhe por vezes abortar ou definhar nas mãos as emprezas começadas, prova-lhe exuberantemente a impotencia das suas forças não combinadas com as dos outros seres da sua especie.

A união é um grande principio de efficacia, tanto no mundo physico como no mundo moral. A combinação harmonica das leis materiaes produz a existencia complexa e a ordem perfeita do universo, desde a grande lei da gravitação que traça a cada planeta a sua orbita respectiva, desde a lei universal da attracção que une entre si as moleculas de todos os corpos, até este confluente de condições, que fazem brotar da terra a mais pequena flor, a mais humilde gramma.

Similhante no mundo moral, ha uma verdadeira lei de gravitação, que impelle um homem para outro, e que constitue a força social.

Sim, Senhores, se no coração de todo o homem existe uma sympathia innata para outro homem, se a solidão o enfada e o descentralisa, se busca quasi irresistivel a companhia e o tracto de outro ser da sua especie, senão póde respirar outra athmosphera que não seja, para assim dizer, uma atmosphera social, é porque o Creador o fez para a sociedade, e fel-o para esta porque quiz que n'ella e por meio d'ella attingisse o fim sublime para que o destinou.

N'este sentido póde dizer-se, que o homem não é um todo completo, mas a fracção de um todo, que não é outro senão o corpo social. D'aqui a dependencia que liga os seres nacionaes entre si, que allia o soberano ao subdito, o nobre ao proletario, o homem de sciencia ao analphabeto, o estadista ao humilde artista, e que torna todas as condições sociaes solidarias umas das outras.

A união produz a familia, a união produz o estado, a união produz a Igreja, a união produz a sociedade no seu unico e verdadeiro sentido.

Ocioso fôra prolongar por mais tempo o desenvolvimento de uma verdade intuitiva, que podemos considerar como a propria base da sociabilidade, e portanto como axioma por todos admittido.

Jesus Christo reuniu em tôrno de si doze apostolos, e esses doze homens unidos pela crença, pela caridade, e por um fim identico em um corpo moral, foram mais fortes que o universo em pezo, immenso composto de individuos.

Mais.

A observação nos mostra, que este instincto de associação realisa-se não só nas grandes corporações destinadas aos grandes fins, como na Igreja, no Estado, senão outrosim n'esses fins especiaes e mais secundarios, que tem ou póde ter em vista uma porção maior ou menor dos membros da sociedade.

Ainda ha pouco o Padre *Boone* estabeleceu na Grã-Bretanha associações destinadas á extirpação da blasphemia, tão vulgar n'aquella região. O padre *Mathew* organisou na Irlanda associações de temperança; *Kolping*, uma das illustrações do clero allemão, fundou ha poucos annos uma corporação sob o titulo — *Camaradagem Catholica* — que poz debaixo do patronato da Igreja. O illustre prussiano *Schutze* ha pouco organisou uma associação humanitaria, economica, de artifices, onde o pobre operario, na sua propria officina, encontra os meios de troca do capitalista.

Decididamente a epoca é de agrupações e, se me permittis a expressão, *achâmos o gosto de enxamear como as abelhas.*

Bem conhecidas vos são as associações religiosas, scientificas, litterarias, politicas, commerciaes, industriaes, artisticas, agricolas, etc., em que abunda o nosso seculo. O homem comprehendeu que a proficuidade do plano concebido está, em grande parte, na união social, e que a união é realmente a fôrça.

Senhores; o fim que aqui hoje vos aduna é tambem um fim de associação. Ainda hontem a sociedade nascente, que n'este dia data o anniversario da sua installação, não passava de uma idéa feliz, que se abrigava hesitante na mente d'alguns d'entre vós, hoje vigorosa ella se manifesta, e como que encarna-se em corpo social. O dia 2 de Junho de 1872 separa um plano realisado de uma simples velleidade.

Senhores; a mim coube a honra de ser o interprete dos vossos proprios sentimentos e intenções na prezente solemne occasião; de ser, digo, a primeira voz que no novo circulo catholico cearense se eleva em nome de Deus, para affirmar-se e definir-se a si proprio. Eu devêra, certamente, declinar esta honra sobre outrem mais idoneo mais annoso do que eu; bem o sei, transmittir esta missão a uma palavra mais auctorisada que a minha, e a attitude da mudez era a unica que devêra caracterisar-me n'estes momentos solemnes; mas um convite impõe-se, quando desce de tão alto, como dos labios de um Bispo; e o dôce prazer de fallar a uma assemblea como esta, em que vejo a flor da sociedade cearense, sob os diversos aspectos da religiosidade, do talento, da sciencia, da educação e da posição social, é uma compensação ao lado ingrato do meu ministerio, que me é licito acceitar; assim como a faculdade de manifestar-vos os sentimentos de alta approvação e applauso que meu coração concebeu pelo fecundo pensamento d'esta associação desde o primeiro momento em que elle lhe foi revelado, é um desvanecimento a que não sei resistir, e com o qual gostoso compartilho do vosso affan, e da vossa satisfação. Não me estranheis estas fallas por isso; vós sois uma sociedade nascente; como o infante ella deve ter um vagido, esse vagido sou eu.

Qual a natureza da associação que ides organisar?

Será ella scientifica?

Será ella litteraria? politica talvez? ou industrial?

Não, porque é mais do que tudo isso; é uma associação *religiosa*. Não fita o terreno, paira acima da terra, e visa o ceo, não põe a mira no temporal e transitorio, aspira ao eterno, abstrahe de todos os motivos e de todas as preoccupações d'interesse, ou só tende ao interesse generoso e supremo da religião intitula-se a — A ASSOCIAÇÃO d'INSTRUCÇÃO RELIGIOSA —.

Porque razão vos reunis vós, senhores?

Em primeiro logar, deixae que assim me expresse, porque sois livres. A liberdade é o apanagio do nosso seculo, e a palavra de alarma da sociedade moderna, e por tanto ou ella é para todos, ou ella é porto franco, um oceano sem balisas, onde a todos é licito navegar, ou eu não a concebo. Pois bem: Se ha a liberdade do mal, haja outro-sim a liberdade do bem, para não dizer que só esta é a verdadeira liberdade, e que outra qualquer é um perigo a evitar. O oceano tambem tem suas boias.

Porque motivo vos associaes, senhores? Porque o direito de associação, com tanto que esta respeite a religião e o estado, é um direito legitimo e imprescriptivel como o de viver, como o de respirar, como o de ter um logar ao sol; direito aliás altamente consagrado pelo espirito das modernas constituições dos povos.

Porque motivo vos associaes? Porque, se a religião é a primeira necessidade do homem e dos estados, os meios de a conhecer e de a praticar são a mais preciosa e a mais necessaria acquisição que o homem possa fazer; ora uma associação religiosa destinada ao fim unico do conhecimento e pratica da religião, é fóra de toda a replica o mais precioso de todos esses meios, pois a pratica da religião suppõe a força moral, e a sociedade é força — *unio fortitudo.*

Porque vos associaes ainda uma vez? Porque, se o poder das trevas se denomina — *legião* —, e como legião conspira na hora presente contra a luz e contra o bem, é força que o poder da luz seja tambem — legião —, e como legião conspire contra as trevas em prol da verdade. Senhores, o vosso nome é — *legião* — e a vossa missão é serdes tão terriveis contra o êrro e contra o mal, como o foi outr'ora a Legião Fulminante do exercito romano ao collosso da Germania.

Porque vos associaes, Senhores? Porque, se tocamos o periodo em que o homem de fé açoitado perpetuamente pelo vento da incredulidade e da indifferença precisa de levar a mão ao coração para perguntar-lhe, se é ainda a fé que o *faz bater*, vos quereis mostrar abertamente á Provincia, ao Imperio e ao Universo inteiro que protestaes em corpo e em choro contra essa indifferença mortifera, que ganha a sociedade inteira de um modo assustador, que vós outros credes com a fé integra do catholico de sangue puro, e que a vossa crença é aquella que se resolve em actos, e não a fé inerte do lutherano.

Sim, a associação catholica cearense inaugura-se, porque importa sobremaneira que do mesmo modo que ha homens que se reunem para se animarem e se estimularem reciprocamente nos principios secretos e perversos, e na tactica sinistra que só tende ao desmantelamento da sociedade e á ruina total da Igreja e do seu senado, haja tambem homens que se congreguem para reciprocamente se excitarem e se afervorarem nos principios e nas praticas salutares, que são a garantia da vida religiosa, individual e social, porque importa que o partido catholico adunado por uma idéa sublime em um corpo moral, dedicado exclusivamente a um pensamento de verdadeiro progresso intellectual e religioso, levante um antemural, forme uma barreira invencivel contra essa torrente esterilisadora de progresso material, de que faz alarde este seculo de carvão de pedra, de gaz de

pilhas. A materia não é tudo, nem o mais, nem muito.

A Associação inaugura-se no dia de hoje, para receber das mãos da Igreja a semente da pura doutrina catholica, limpa d'esse vil bagaço de doutrinas suspeitas, erroneas, scismaticas. Certa assim de possuir a verdade, a sociedade se apressará de derramal-a, de vulgarisal-a, de infiltral-a no povo ignaro, no povo, o eterno sequioso da fé no povo, o grande mendicante da instrucção, no povo, n'esta pobre creança de 6:000 annos, de cuja imbecilidade tão terrivelmente tem abusado os homens da classe litteraia, insinuando-lhe ideias capciosas e damninhas, que o precipitam na sua propria ruina, passando-lhe por moeda verdadeira uma moeda falsa e de contrabando, onde o povo em vão busca a effigie do seu Deus, o carimbo da Igreja, e a legenda correspondente — *in hoc signo vinces*.

A associação toca a rebate e chama ao seu gremio todos os catholicos decididos e de bom querer, porque se nos aproximamos do momento em que, segundo a expressão energica do insuspeito *Proudhon*— «será necessario metter á sociedade uma camisa de fôrça» — como a um louco furioso, convém que os amigos da religião e da Igreja, em presença da tempestade imminente, que nos ameaça com toda a solemnidade de um diluvio, e no vortice medonho de homens de todos os principios e de ideias de toda a natureza, convém, digo, e convém no mais alto ponto, que os amigos de Deus e da Igreja se associem para se conhecerem, para conseguirem pela grande lei da união que tudo vence, os que separados não poderiam conseguir, a conservação da seiva christã contra o veneno da descrença e dos vicios.

Alfim a associação catholica é o *rendez-vous* (permitti-nos a comparação) dos mais distinctos filhos da sociedade Fortalecense, que inspirados por um mesmo sentimento, se colligam como um só homem para aproveitarem o extraordinario movimento catholico, que n'este magnifico mez de Maria, *n'este mez santamente revolucionario de taõ saudosa memoria*, se tem manifestado n'esta Capital; e bem assim para encelleirarem em commum essas particulas da palavra divina e da graça celeste, que cahiram em seus corações, a fim de que se não desperdicem.

Resumindo e precisando mais a minha narrativa, qual é o fim do novo circulo religioso cearense?

E' a instrucção orthodoxa de todos os seus membros, e a observancia dos preceitos de Deus e da Igreja.

Não pretendendo fazer monopolio de sua instrucção, a sociedade buscará communical-a ao povo, fazer-lhe assim participar dos bens da corporação, e d'alguma sorte assistir ás suas proprias sessões

Afim de não deixar-se levar *por todo o vento de doutrina*, terá ella um juiz authentico, e para assim dizer, official, da sua instrucção, a saber, o Prelado Diocesano.

Sendo de sua natureza communicativa, possuirá dous orgãos, a *palavra* e a *imprensa*. Pelo primeiro, todos os membros terão a faculdade de emittir as suas idéas, de propôr as suas duvidas, de discretear sobre os principios religiosos. Pelo orgão da imprensa publicará no seu jornal *especial* as actas das suas sessões, os discursos que n'ella tiverem sido feitos, todos os actos e deliberações, cuja publicidade fôr julgada congruente, pelo presidente da associação.

O jornal terá tambem por fim combater e illidir as doutrinas erroneas, impias ou immoraes, que por ventura forem propaladas em jornaes, *pamphletos*, ou livros da Provincia, ou mesmo de outro ponto do Imperio. D'est'arte com uma das mãos edificará ella os muros de Jerusalem, e com a outra empunhando corajosa as armas de uma justa defeza, como outr'ora os operarios de *Nehemias*, repellirá os adversarios que pretenderem escalar os seus muros ou oppôr-se á sua construcção.

Nem será a folha ephemera o orgão unico de publicidade da associação para a diffusão das luzes no povo. E' fim egualmente directo e peculiar seu, o promover a instrucção popular pela distribuição de bons livros nacionaes, ou traduzidos em vulgar das linguas estrangeiras, afim de oppôr uma verdadeira cruzada de escriptos orthodoxos e moralisadores, que tenham por divisa a mesma que a edade media — Deus o quer — a essa cruzada formidavel de pessimas folhas e libellos, que ou assoalham francamente a impiedade e a negação de todos os vinculos da consciencia, ou escondem sagazmente nas dóbras do espirito humoristico, no atticismo e de um estylo cortezão e elegante a baixa urdidura da descrença e da desmoralisação.

Ora pois, senhores, o que véla sobre o homem como sobre a sociedade, e o que prescruta as entranhas d'aquelle e a direcção d'esta, não poderá deixar de abençoar vossas generosas intenções. O que promette a sua assistencia a dous ou tres humildes filhos da sua Igreja, que se reunirem em seu nome, assistirá, eu espero, com as suas luzes divinas ás vossas sessões e os seus resultados.

Mãos, pois, á grande obra! A empreza vem do alto, a empreza tende a Deus, a empreza respeita mais a Deus que a vos mesmos, Deus tomará cuidado d'ella, e se desvellará pelo seu incremento, como a carinhosa mãe se desvella pela vida do filho das suas entranhas.

Póde ser que as mesquinhas insinuações do respeito humano venham de longe em longe resfriar o zelo de alguns d'entre vós, fazer-vos vacillar ou mesmo recuar na senda que ora emprehendeis. Póde ser que dissabores e difficuldades ulteriores façam abandonar a alguns d'entre vós o gremio da associação, ou cheguem mesmo a dissolver os laços com que hoje espontaneamente se ligam e aduna em corpo religioso. Mal haja um tal prognostico!

Principiar, senhores, é um bem, mas o perseverar é a consummação do bem. Só á perseverança é dado cantar victoria. Eu o confesso. Se n'esta hora de tanto jubilo para a minha alma e para nós todos, ha ou póde haver uma ideia ominosa capaz de attenuar em mim este sentimento, é o receio de que não persevereis por assás tempo no religioso commettimento que tomaes a peito a partir do dia 2 de Junho do corrente anno.

A *perseverança*, senhores, (eu quizera grifar a palavra se vos fallasse por escripto e não de viva voz) a perseverança, diz a maxima popular, *é a chave do successo*. Fixae esta idéa, que até a propria natureza nos prega. O sol é perseverante em vivificar a terra inteira, os rios em despenharem-se no Oceano, e o orvalho da manhã em verter todos os dias no calix da florzinha solitaria a gota de agua vital, que deve fazer-lhe attingir a perfeição da sua fórma e do seu colorido. Vós conheceis o *thermite* —. Este pequeno insecto, que medirá quando muito tres linhas de comprimento, chega a construir, á força de perseverança, uma habitação de barro, que attinge muitas vezes á altura e ao diametro de uma guarita de soldado, e que o habitante das provincias do sul converte em fornos domesticos. Parece não haver proporção entre o architecto e o edificio.

A'vante, Senhores! O futuro religioso do Ceará pertence-vos, o futuro tão esperançoso d'esta esperançosa Provincia está nas vossas mãos. Sêde os juizes da sorte d'este povo. Ah! o povo é *o engeitado da instrucção*....

Pois bem, Senhores, deixal-o-heis morrer de fome á porta dos ricos indifferentes da sciencia, definhar de innanição á mingua do pão da verdadeira luz?

A vós compete a gloria de terdes dado ao Brazil inteiro *o exemplo da iniciativa da primeira associaçaõ catholica laical*; guardai-vos de dar-lhe d'aqui a pouco o exemplo infausto do descorçoamento.

Vós sois tambem um socerdocio, embora sem vestes, mas em verdade ungido com o oleo da sciencia religiosa, e santificado pelo fogo sagrado do zelo; cumpri a vossa missão civilisadora.

Ajudae-nos a conduzir até ao porto a cancella da Igreja cearense, auxiliae os ministros do sanctuario, excedei-nos, vencei-nos, se é possivel.

Vós sois d'ora em diante a ordem terceira de S. Pedro na Diocese do Ceará, Deus vos arma n'este dia, cavalleiros, para esgrimirdes a espada, não percuciente, da imprensa contra os inimigos da Fé e da religião.

O Prelado da Diocese vos institue cruzados de uma mais sublime cruzada que a da idade-media, porque não corre á defeza dos Logares santos, mas á conquista do Céo, mas á regeneração do povo pelo baptismo da instrucção christã e de uma iniciação moralisadora.

A'vante, Senhores, de *fronte erguida*, para vos reconhecerdes bem, e vos conhecerem ainda melhor. Se a época é de impudencia, sabei ter a santa impudencia da crença e da consciencia: *bene impudentem* (*Tertuliano*), sabei arrostar o nobre descredito da religião *necessarium dedecus fidei*. (Idem).

O Chefe supremo da Igreja Catholica, o Clero inieiro, e o cearense em particular vos offerecem a dextra, vos felicitam, vos agradecem a vossa cooperação, e vos saudam pela bocca do seu ultimo levita.

Os Ceos bafejem as primicias e os esplendores da vossa obra.

Uma grande e religiosa associação como esta, que emprehende uma grande causa, já tem n'essa mesma causa o penhor do seu successo.

Uma sociedade que estrêa as suas sessões, principiando por collocar-se debaixo dos auspicios da Mulher Forte que «*pulverisou todos os érros*». «*Terrivel como um exercito alinhado em ordem de batalha*», já leva comsigo um prognostico do mais feliz agouro. (1)

(1) A inauguração teve logar no dia da festa terminal do mez de Maria.

A grande reunião catholica de Inglaterra

Teve logar, hontem de tarde, uma reunião convocada pela *União Catholica da Gran-Bretanha*, no grande salão de Willis, em S. James, com o fim de protestar contra a legislação recente do governo germanico, a respeito dos jesuitas e de outras ordens ensinantes.

Assistiu á reunião grande numero de catholicos leigos. O duque de Norfolk foi quem presidiu, e entre os presentes contavam-se o Arcebispo Manning, o conde de Denbigh, lord Betre, o conde de Gainsborough, lord Howard, de Glossop, o honoravel Collin Lindsay, monsenhor Capel, monsenhor Patterson, sir Carlos e lady Clifford, sir George Bowyer, o reverendo W. Gordon, do Oratorio em Brompton, mr. S. W. Allies, mr. Wegg Prosser, mr. Maguire, membro do parlamento, lady Chichester, o honoravel dr. Tabot, mr. Bodenham, lady Georgina Fullarton, mr. Jorge Lane Fox, o honoravel Guilherme North, o dr. Gilbert, mrs. Grattan Bellew, o coronel Patterson, lady Amavel Cowper, sir Vincent e lady Eyre, o conde d'Albanie Stuart, a marqueza viuva de Lothian, o honoravel Guilherme Maxwell, o major Yard, mr. G. Langdale, mr. Aston Blount, o reverendo G. Clare, o reverendo F. Aiuherst, o reverendo H. Bowden, o major Trevor, e mr. Arthur A. Beket.

Ao iniciar os procedimentos, disse o presidente que a União Catholica, tratando de sustentar na Inglaterra os interesses catholicos, tinha convocado o ajuntamento, a fim de expressar a sua sympathia com o Santo Padre em presença dos ataques do governo italiano, e com os jesuitas expulsados da Allemanha.

A suppressão das casas religiosas de que o Papa se queixava na sua carta ao Cardeal Antonelli, era mais um passo na carreira de oppressão proseguida pelo governo italiano para com a Santa Sé; e os catholicos de Inglaterra viam e sentiam que isto era parte de um systema de perseguição que se dirigia a destruir a religião por todo o mundo.

Os catholicos de Inglaterra sabiam o muito que deviam aos jesuitas (oiçam, oiçam!), que em tempos calamitosos tinham conservado viva a fé a despeito da perseguição; e agora que estavam sendo perseguidos por amor da Egreja em paizes estrangeiros, era dever de inglezes o manifestar-lhes a segurança de sua sympathia. (Oiçam, oiçam!)

Lord Howard de Glosson (par, e tio direito do duque de Norfolk), ao propôr a primeira resolução, notou que era tal a sympathia dos catholicos entre si, que tudo quanto occorria de bom ou mau em Roma affectava a sociedade catholica por todo o mundo. Admittindo que muita mais liberdade se permittia aqui aos catholicos do que antes, affirmava que estes quanto desejavam era accudir por seus irmãos, e melhorar a condição dos seus pobres. Em defender as instituições atacadas pelo governo italiano, insistiu pela utilidade das mesmas e por suas agencias civilisadoras. A não ser um povo religiosamente educado, perderia a propriedade todos os seus direitos, o socego da vida domestica perderia a sua segurança, e seria impossivel dizer que violencias e afflições não viriam sobre a humanidade. Concluiu propondo a seguinte moção:

«Que esta assembleia, tendo sabido pela carta do Santo Padre ao Cardeal Antonelli, a tenção do governo italiano de supprimir as ordens religiosas na cidade de Roma, declara que a suppressão das ordens religiosas na metropole da christandade é um golpe dirigido contra a existencia d'ellas em todo o mundo».

Foi secundada esta resolução por mr. Vegg Prosser. Alludiu ao facto de que esta reunião era de seculares, que desejavam dar seu apoio moral aos que estavam soffrendo pela conducta iniqua do governo italiano. Que era cousa notavel, como os jesuitas, sendo os mais habeis soldados da Egreja, soffriam sempre primeiro; mas bem se sentia e se via que na realidade se atacavam agora os direitos internacionaes de todos os catholicos. Concluiu condemnando com violencia a politica de insulto e espoliação do governo italiano para com a Santa Sé.

Monsenhor Capel, sustentando a resolução, disse que era impossivel a estranhos comprehender a simples verdade, de que a Egreja Catholica era tão verdadeiramente um reino, e tão verdadeiramente um exercito, como era o reino de que temos a fortuna de ser membros, e como o exercito que está debaixo da auctoridade do commandante em chefe. Tudo na mesma Egreja é organisado, tudo tem alguma funcção especial; que havia mutua dependencia de uma parte com outra, mas todas ellas ajudavam a sustentar o todo. Tocando-se, pois, na mola principal do centro do movimento d'esse reino, ameaçava-se destruir toda a sua vida interior. Seguramente os partidos chamados democratico, racionalista e anti-religioso, tinham razão em querer destruir as ordens religiosas, mas elle convidava a assembleia a considerar o que essas corporações religiosas estavam effectuando aqui, no continente, e em varias partes do mundo.

Que o nobre duque-presidente tinha uma irmã que dedicava a sua vida, o seu tempo, e a sua fortuna aos pobres e miseraveis de Londres (applausos), áquelles que, em outras circumstancias, teriam de ser sustentados por agentes pagos, cujo salario e rendimento teria de sahir das taxas e impostos que o povo em geral tinha de pagar. Isto não era caso excepcional. Cada familia nobre podia mostrar, já por uma serie de annos, parentes que tinham feito os mesmos sacrificios em beneficio dos pobres, sem distincção de credo, e onde quer que se achou a miseria. (Oiçam, oiçam!) Mas para produzir isto é necessario que exista um fermento que o influa, e o centro d'essa influencia civilisadora achava-se em Roma. Estas ordens religiosas, sendo centros de virtude e de actividade, eram portanto seriamente dignas de affecto e de respeito, não só da parte dos catholicos, mas de todos os homens que professam sentimentos de honra e de justiça natural.

As ordens atacadas não se accusavam de vida viciosa, ou que prejudicasse a sociedade; e por consequencia não podiam dizer os catholicos senão que tal acto de iniquidade só se podia attribuir ao governo italiano (oiçam, oiçam!)

O conde de Denbigh propoz a resolução seguinte:

«Que a recente legislação do imperio germanico expulsando os jesuitas e outras ordens ensinantes do seu territorio, sem provar, nem mesmo allegar acto algum illegal contra ellas, é um attentado contra todo o direito natural, e uma injuria feita aos catholicos de todas as nações».

A assembleia, disse elle, tem obrigação de votar affirmativamente esta moção, não como sendo catholicos os aqui presentes, mas como inglezes, campeões da liberdade e dos direitos do subdito. Seria sensato olhar abaixo da superficie, e perguntar, como é que similhante injustiça pôde perpetrar-se, e o mundo se não levantou contra ella? A rasão que elle, lord Denbigh, encontrava para isto era o vivermos nós em uma épocha de fingimentos e de imposturas. Tinham-se dado ideias falsas dos jesuitas; tinha-se dito que elles eram intigrantes. No entanto quem os conhecia bem sabia que o metterem-se em intrigas era contra a constituição da sua ordem. O nome de jesuita tinha sido apresentado sómente como uma bandeirola vermelha aos touros para os enfurecer.

Sir Carlos Clifford, que secundou a resolução, disse que poderia ser de alguma consolação para os catholicos allemães o reflectir que a sorte de Juliano Apostata não deixava de ser provavel tocasse no principe de Bismark.

A resolução foi adoptada pela assembléa.

Mr. S. W. Allies propoz a terceira resolução:

«Que esta assembléa considera a legislação dos governos italiano e germanico ser parte de um ataque geral ás liberdades da Egreja Catholica, e que exige um protesto da parte de todos os catholicos».

Depois de traçar em detalhe os ataques do governo italiano ás ordens religiosas de Italia, declarou que o menor de taes actos, se fosse commettido em Londres, causaria uma revolução. (Oiçam, oiçam). Estes ataques temporaes eram dirigidos contra o poder espiritual do Papa. Do imperio germanico tinha elle esperado melhores cousas, e comtudo o novo imperio que não tinha ainda dezoito mezes de idade, achava-se já em plena perseguição contra a Egreja. A politica do governo germanico em relação ás escolas havia de constituir os paes n'um terrivel dilemma, e mais tarde ou mais cedo tinham elles de resistir a esses ataques feitos á sua religião. O principio uniforme que se observava em todos esses ataques, era um desprezo e negação da Egreja Catholica como reino dintincto e soberania espiritual separada.

Mr. Bodenham secundou a resolução, que passou, como as outras, sem voz dissidente.

O Arcebispo Manning, que entrou na sala quando os trabalhos estavam quasi no fim, foi altamente applaudido, e accolhido outra vez com applausos longamente continuados quando se levantou a propor um voto de agradecimento ao presidente. Disse «que olhava esta grande reunião dos seculares com grande satisfação, pois que n'esta epocha, que lord Denbigh tinha chamado epocha d'imposturas, e que elle Arcebispo chamaria de superstições, tinham dado contradicção formal e sufficiente a uma superstição que parecia grassar no ar de Inglaterra, e ser acceita pelos jornalistas os mais intelligentes—isto é, que os catholicos seculares ou leigos de Inglaterra não eram capazes de andar só por si. Veriamos sem duvida amanhã em certos jornaes que tinha havido uma fabrica de carrinhos de ensinar creanças a andar, e de cordões de guia, existente ahi por entre *Grosvenor-square* e *Berkeley-square* (o logar do convento dos Jesuitas), e um armazem dos mesmos entre *Portman-square* e *Regent's Park* (a residencia d'elle Arcebispo); á vista porém da acção dos catholicos seculares de Inglaterra, quando n'uma occasião precedente se tinham reunido sob a presidencia do nobre duque de Norfolk, para resistir á aggressão feita á educação dos meninos pobres catholicos, julgava elle Arcebispo haver homens de olhos abertos que percebiam achar-se o corpo secular dos catholicos ardendo tanto como o clero pelo tractamento que a Egreja tinha recebido.

«Com um sentimento de affecto filial pelo Santo Padre em Roma, levantara-se um sentimento de indignação e de offensa, que ainda ha pouco se tinha manifestado em promptidão de affrontar mesmo a morte em sua defeza; sentimento que elle julgava se manifestaria ainda pelo mesmo modo.

«Que tinham estado assistindo a um drama mui solemne em tres actos, e esse drama não era mais que a manifestação da antiga fabula do lobo e do cordeiro (Oiçam). Por um quarto de seculo se tinha visto uma revolução hypocrita na Italia fundando a justificação de seus sacrilegios n'uma pretendida aggressão da parte do Vigario de Jesus Christo. O segundo acto tinha sido representado na Allemanha. Que elle tinha participado com o sr. Allais na anciosa esperança de que a unidade da Allemanha poderia consolidar-se. Mas vendo que o grande chanceller do imperio, como se fosse deslumbrado pelo triumpho, não contente com a muita obra que tinha entre mãos para assegurar a unidade politica, se mettia ainda com as divisões religiosas do povo, pasmava de atonito. Alguma allucinação deve, sem duvida, ter-se apoderado do principe de Bismark, para assim desfazer a obra das suas mãos.

«Entendia o dr. Manning ser esta a explicação: durante os oito mezes do Concilio do Vaticano, tinha elle tocado como se fosse com suas proprias mãos as intrigas dos governos da Europa, e tinha visto os preparos feitos para aquelle triste scisma que se tinha seguido. O espirito animador de todo o movimento achava-se em Munich. Aquelle scisma era obra d'homens que frustrados e derrotados pela auctoridade irresistivel da Egreja de Deus, como sempre deve succeder, não tinham outra coisa a fazer senão instigar nos governos por toda a Allemanha o ciume, a suspeita, e um estrambotico receio dos Jesuitas, já se sabe; d'uma aggressão da Santa Sé, e do que elles chamam as doutrinas fataes e subversivas do Concilio do Vaticano—sonhos e imposturas, que mal se podiam ouvir com paciencia.

«O principe de Bismark dizendo, como um homem racional devia dizer, que não era catholico, e não entendia essas coisas, mandou chamar aquelles que as entendiam, e, formando conselho com o rei de Baviera e seus conselheiros, recebeu d'elles o insidioso programma que foi sua ruina. Se o principe de Bismark se tivesse fiado em si para construir a obra de suas mãos, houvera prosperado; que haja de prosperar agora parece além da possibilidade humana.

«O terceiro acto vinha atraz. Julgava elle Arcebispo, e muitos presentes o sabiam melhor do que elle, que existia detraz do governo um poder occulto. Tinham ouvido fallar da maçoneria espalhada por todo o imperio germanico, e havia outros corpos que se moviam no escuro; e ao passo que se deviam expulsar os jesuitas, e que os Bispos da Egreja se haviam de restringir no desempenho da sua sagrada missão, havia um poder que nunca se devia restringir. E porque? Porque era demasiado dominante; porque tinha obtido sua pega com firmeza completa, e fazia andar para onde queria os politicos da Allemanha; porque na dissenção entre os poderes civil e religioso encontrava sempre a rebellião sua opportunidade (Oiçam, oiçam).

«No tocante ás resoluções apresentadas á assembléa, estava elle quasi inclinado a propôr uma emenda, pois que não havia na terra senão um homem que podesse supprimir as ordens religiosas. Pio IX podia fazel-o, e ninguem mais (Oiçam, oiçam). Podiam ser roubadas, despojadas, perseguidas, expulsas dos Estados uma apoz outra; mas supprimidas nunca.

«Quanto a desterrar os jesuitas, elles não temiam o exilio. Aquella grande sociedade que por 300 annos tinha sido enforcada, esquartejada e torturada, encarcerada e martyrisada, e que na Inglaterra tinha conservado viva a fé, sem quebra de continuidade, estava n'este momento á testa da grande missão catholica n'este momente á testa da grande missão catholica n'este paiz (Applausos). O nosso MESTRE tinha-lhes dito, que se os homens os perseguissem n'uma cidade, fugissem para outra; e assim haviam de proceder.

«A voz d'esta assembléa havia de ir por todo o mundo, a voz livre, independentemente, articulada dos inglezes seculares—pois elle vinha fallar no fim da reunião simplesmente por não querer que alguem dissesse, estar a communidade secular ingleza procedendo sem aquelles com quem se acha tam estreitamente ligada que nenhum poder no mundo os podia separar (Applausos). Em fidelidade á Santa Sé, e em amor aos seus pastores, não ha corpo secular no mundo que exceda os catholicos britannicos, e, por outra parte, não era debalde que na conclusão d'esta grande assembléa se lhe permittisse propôr um voto de agradecimento ao nobre duque por quem tinha sido presidida».

Sir Jorge Bowyer secundou a moção, que passou por acclamação; e tendo o duque de Norfolk agradecido o cumprimento, com isso terminaram os procedimentos.

———

Eis ahi a traducção fiel da conta que deu da asssemblêa o «Times» de 17 de Julho de 1872, inimigo d'ella; quiz copial-a d'elle, para que a relação se não julgasse vir de fon-

te favoravel aos catholicos, e por elles apaixonada.

A. R. Saraiva.

Um documento importante

Incançavel defensor e denodado campeão da memoria augusta e veneranda de nossos reis legitimos, a «Nação» dá á luz da publicidade a copia d'uma carta que o celebre João Carlos Saldanha escreveu ao seu amigo ex-Marquez de Palmella.

Eil-a:

«Os meus constantes serviços, de que V. está sciente, e o silencio, em que, por influencia de V., o *Duque de Bragança* deixou ficar meu nome na Repartição dos Postos Militares, me motivam a accusar a um e outro de injustos, e fazer vêr ao Mundo que a rapida carreira das victorias de V. tem sido mais obra de vergonhosas compras do que do valor, e Arte Maçonica».

«Eu sei que em declarar a V. os meus sentimentos affio de certo a cólera do Duque e a de V.; e que qualquer especie de cadafalso promptamente se prepara para pôr termo á pesada carreira de meus dias, segundo nossos juramentos; mas como a morte de um *heroe* nunca póde ser affrontosa, sem o menor susto sou precisado a dizer a V. o seguinte».

«Que nunca me foi agradavel a morte de (do Senhor) D. João VI, e expatriação de Seu Filho; (o Senhor D. Miguel I) que este assassinato jámais deixará de entristecer-me, muito principalmente quando vejo que o fim, por que elle se praticou, foi apparente, debaixo de uma liberdade, e igualdade, que ainde bem não havia nascido, já lhe estava cavada a sepultura».

«Entrou em muitos da Nação, e em V. mais que ninguem, a reinar o espirito da ambição, no que mais astuciosamente se distinguiu na Loja m. m.·., calcando aos pés quanto alli áquelle respeito sabiamente se havia dictado».

«Muitos de nossos *Irmãos* poderam seguir a mesma estrada, que V. vergonhosamente trilhou; mas o serio caracter, de que eram dotados, e a menos ambição os envergonhava de tentar semelhante marcha, que depois seguiram (que só póde ser lustrosa, quando de todo espira a honra, e a *Religião*)

«Meu Companheiro *Pisarro* este grande *Irmão*, a quem não nos devemos envergonhar de chamar *Mestre*, se vê commigo expatriado; e aqui mesmo, onde existe, é um testimunho da má, e pessima direcção da carreira, por onde V. conduz o nosso Duque: só por lhe patentear e assoalhar o demasiado egoismo de V., foi perseguido; e se dentro do territorio d'essa Ilha existissemos, haveriamos já medido a extensão da Eternidade».

«Elle, eu, e outros muitos dos nossos *Irmãos* sabemos o modo sanguinario, com que, se fosse possivel ao Duque conquistar Portugal, fazia affogar em rios de sangue tantos milhões de almas, aonde com V. confundiria o criminoso com o innocente, e aonde condensados os ares com os gritos, e gemidos de desgraçadas esposas, viuvas, orphãos, e donzellas desvalidas, daria as mais exuberantes provas de ter entranhas de ferro e ouvidos de bronze; sabemos o que o Duque praticou no Brazil com varios dos nossos Irmãos, só porque se distingam, na gloria da Seita, e lhe causavam emulação; sabemos emfim o incalculavel pezo, e numero de tantos, e tão horrorosos crimes, que V., ha praticado, e feito praticar não só na vida de (do Senhor) D João 6.º, mas depois de reassumir á Seita pela Carta Constitucional, que fez em Londres, o summo imperio de Portugal».

«Qual é o homem, como V., que obriga a comprar assassinos para incendear a vida de seus semelhantes? Qual é aquelle, que se pretende entaboleirar n'um Throno alheio, que faz do nada Nobres, e do tudo nada, sem direito algum mais do que o do arbitrio regido, ou dirigido pelos ambiciosos conselhos de V.. para dispôr do alheio livremente como seu? Qual é aquelle, que esquecido dos direitos, que nascem com o homem, e das Graças, e Mercês, recebidas, manda envenenar em Lisboa o seu Rei, e que continuaria a fazer d'estas execrandas tyrannias, se os mesmos assassinos, a quem comprava, não desmaiassem nas suas terriveis execuções».

«Por ventura a preciosidade da vida de um homem, ou de muitos homens, e mesmo sua fortuna, devem ceder ao capricho, e ambição dos outros? Sobre a existencia, fallemos claro, não ha poder sobre a terra; e apenas pódem, mas nos casos, que as leis prescrevem, os Chefes da Sociedade atacar este maior bem, que possue a humanidade, que accusará eternamente a perfidia, e impiedade de V».

«Eu sei que estou preparando a minha sepultura, e que estou cortando o fio á minha vida com a fiel narração, que faço dos seus crimes; mas o horror que tenho ganho ao seu procedimento, e ao de alguns Irmãos, que souberam retirar-me da estrada de meus serviços, me não permitte outra cousa».

«Mas diga-me: como é possivel emquanto o Mundo tiver existencia, que possa sepultar-se a escandalosissima maneira, e facto mais extranho, que ha visto nossa Seita, do profundo esquecimento, e cruel abandono do meu nome, e pessoa n'uma empreza tão difficultosa, a quem tantos serviços tenho tributado? Acaso seria tambem riscado do grau, que tenho, e abandonado assim fóra dos meus Lares, exposto á indifferença da Ordem pelo manejo ambicioso de V.? Ah! Que baixeza de alma! Que pusillanimidade! Se eu hoje me considerasse em circumstancias de poder seguir outra vereda, violando todos os juramentos, poderia dizer a V que um homem virtuoso, e constante é sempre o mesmo não muda de caracter por mais que variem as circumstancias; mas como a virtude na nossa Seita é um phantasma, nunca um barbaro Maçon, como V., poderá preencher estas medidas».

«Conduza V. ao destino do Rei envenenado o illudido Principe, e os loucos seguidores de sua ambição: áquelle soube o manejo particular de V. apear do Throno para entender-se no sepulchro; e a estes, a cujo numero eu pertenço, immolados á sua feroz ambição, póde fazêl-os estranhos a seus Lares, e amaldiçoados para sempre do Mundo».

«Tenho sobejamente desabafado; e o meu coração satisfeito de publicar estas verdades, não teme o cadafalso, que V. de certo lhe terá preparado; termine muito embora a carreira de meus dias, mas sirva-me de gloria o imitar esses grandes *Heroes*, que tendo o cutélo á vista, ou o laço na garganta, publicam nos *Juramentos* sem susto a *grandeza* de sua alma Estes os sentimentos, e a voz da verdade de um Maçon abandonado, que em resposta só pede o remedio de semelhante abandono».

«Londres, 25 de fevereiro
de 1832.

O Irmão João Carlos Saldanha de Oliveira Daun

REVISTA ESTRANGEIRA

E' de cada vez mais difficil a solução da questão Europeia, porque de cada vez são mais difficeis as circumstancias em que se vai achando collocada.

Basta lançar um volver d'olhos por sobre todas as nações para se chegar á conclusão tantas vezes tirada de que, se não ha ordem sem haver cahos, luz sem haver trevas, dia sem haver noite, bonança sem haver tempestade, paz sem haver guerra, não estão longe as primeiras porque as segundas estão comnosco.

E principiando pela cidade, pequena na população, mas grande nos seus monumentos e gloriosas tradições, Roma, não faltam esperanças bem fundadas, de que o drama revolucianario está na sua ultima scena, no seu derradeiro desenlace.

Eis aqui, em resumo, o que ha pouco escrevia ao «Journal des Débats» um correspondente de Florença: «redobram as tentativas para fazer sair o Papa de Roma, sendo o principal motivo a lei das corporações religiosas que brevemente vae ser apresentada nas côrtes pelo governo de Victor Manoel».

O ministerio está devidido, a respeito dos assumptos de Roma; Lanza é mais conservador que Sella. Uns com Victor Manoel, dezejam que taes questões sejam espaçadas até á morte d'este Papa e eleição d'outro, a fim de que a *transigencia* do novo Pontifice lhe facilite a resolução que por ora lhes pode ser fatal; outros, e com elles a maior parte dos deputados, impacientes de satisfazer a vontade dos radicaes, por quem foram eleitos, instam para que, sem interrupção e demora, se dê solução satisfatoria aos elevados assumptos das relações entre o Estado e a Egreja.

Que resultará d'aqui? o que naturalmente sempre resulta de combinações hybridas, de elementos heterogeneos; os clericaes não verão n'essa lei, ainda a melhor modificada; senão perseguição; e os liberaes avançados outra coisa mais que esterilidade.

No entanto, o magnanimo Pio IX não se inquieta com a sua sorte, tantas vezes disputada pelos Reis da terra e por elles tão mal comprehendida; não pergunta: «para onde quererão levar este velho octogenario, para quem são tudo as promessas de Deus que não falta á dedicação do seu povo, e o bello ceo da Italia?»

Sabe que a Belgica, por exemplo, o paiz da liberdade, não o acolheria sem receio de desagradar á Prussia; que a França, ou antes Thiers, encontrou na hospitalidade ao Papa, motivo de complicações sérias e graves, e um grande obstaculo á reconstrucção da sua antiga nacionalidade e independencia, e tambem ás suas desmedidas ambições; que a Ilha de Malta, tantas vezes offerecida pela Inglaterra, e a unica que podia rivalisar com o doce clima da cidade eterna, está fóra da circulação dos acontecimentos europeus e em estado menos geitoso para facilmente communicar com a christandade, e além d'isso a Inglaterra ainda, ha pouco, tolerou officialmente a religião catholica; sabe que as outras nações, umas são scismaticas e protestantes, e outras, apezar de catholicas, estão devoradas pelo liberalismo moderno, que é peor que cada uma das heresias que tem apparecido, porque a todas encerra, visto ser filho do protestantismo; sabe tudo isto, e apezar d'este perfeito conhecimento, não se inquieta, antes com a serenidade do justo, responde ás accusações de seus inimigos com obras de elevada virtude e heroismo, e condemna e esmaga uma por uma as cabeças da hydra infernal, offerecendo seu palacio, em que está prisioneiro, ás ordens religiosas expulsas, para n'elle funccionarem não cessando de os excitar com a palavra e com o exemplo a que vivam firmes e esperançosos.

Perseguido, assim, o Catholicismo na pessoa de seu augusto Chefe, lá reponta a aurora do triumpho na Baviera aonde o rei confiou a organisação do novo ministerio ao snr. Gasser, presidente da Associação Catholica, e este formou o gabinete de cavalheiros todos do mais puro partido catholico e separatista, como são os snrs. Lercheufel, Cabkowitz e Niethammer.

E' tão importante a noticia, que julgamos dispensar-se todo o commentario, e abrir sómente o coração a toda a expansão de alegria.

E, emquanto um acontecimento, nunca visto na Europa, ha 40 annos, isto é, desde a queda de Carlos X, se passa dentro da mesma Allemanha aos olhos de tres imperadores que se reunem, para talvez para realisar uma mentira de menos e combater uma verdade de mais, a França incondicional mas abertamente, a Austria e a Russia com mais prudencia, porém tambem com grande decisão se collocam ao lado do novo ministerio bavaro, que tem para se apoiar d'um lado o braço de todos os catholicos europeus, e do outro o braço das tres primeiras potencias da Europa.

Diante de Deus que serão os impios Bismarks, os scepticos Thiers, os sacrilegos Lanzas, os *progressistas* Zorillas e os...?

Diz um jornal que se calculam em 3.750.000 francos as despezas da recepção dos imperadores Alexandre e Francisco José, em Berlim.

Já chegou a esta capital o grão-duque Nicolau da Russia, o qual assiste a todas as manobras militares que diariamente se fazem. Parece-nos que os conferentes vão aprender como os prussianos terão um dia de manejar as armas contra elles!...

Tambem alli se espera, d'um para outro momento, o principe Alberto da Saxonia. O rei da Saxonia é o que de melhor agrado se tem sujeitado á nova situação, creada em seu imperio dentro da Allemanha.

A França, está minada pela internacional; e para a existencia d'esta contribue muito Thiers com o seu semi-republicanismo. No entanto, Rémusat, ministro do estrangeiro, declarou em pleno parlamento que nada havia a receiar pela paz e tranquillidade publica. Interrogado pelos deputados a respeito da entrevista dos imperadores, respondeu: *o governo está tranquillo.* Obrigado a responder, tambem, a perguntas dos mesmos sobre as fortificações dos allemães em Belfort, disse: *que os allemaes usam do direito que lhes dá o tratado.*

Realmente, a França está n'uma *bemaventurança politica*; mas só se fôr d'aquellas bemaventuranças de que fallára o Salvador e nas quaes os bemaventurados gosam porque soffrem e padecem.

O Czar da Russia, antes de sair, dirigiu uma allocução ao exercito do Don, declarando-lhe que por emquanto nenhum perigo ameaçava a paz da nação, e que com o fim de salvaguardal-a, ia emprehender uma viagem. Espero, accrescentou elle, que esta viagem não será esteril para a Russia.

E, ao passo que todas as forças se concentram para conservar o estado actual da Europa, o partido carlista em Hespanha, decorado com trinta victorias, ainda que parciaes, e tendo como preambulo de seus triumphos, as acções de Vidrá e a de Fábrega, não conhece perigos, não se poupa a trabalhos para levar a cabo a cruzada santa da verdade contra o êrro, da virtude contra o vicio, da Religião contra o Liberalismo.

O intrepido Saballs, coroado com os louros immarcessiveis de Vidrá saíu novamente victorioso do combate do dia 31, em que a columna Fajardo foi batida de modo que deixou na mão dos valentes carlistas um carro d'armas e objectos de serviço militar, encontrando-se entre elles a espada do coronel. D. Luiz Fajardo, commandava 500 amadeistas; e no ponto estrategico para Saballs, Fabrega, foi alli completamente derrotado.

Com as armas, que Fajardo deixou na fuga, armou Seballs 200 homens, cujo commando confiou a um distincto chefe.

Quasi por toda a parte se organisam partidas para levantarem o grito de — viva Carlos VII —. A «Conviccion» diz que uma partida de mais de 150 homens era commandada por Etern, apparecendo todos bem uniformisados divididos em grupos, armados de trabucos espingardas Chassepots, Berdans e outros systemas.

Polo é o secretario do rei; Elio, Aguirre, Velasco, Caraza, vogaes da junta; Charette e Chatelineau, que vieram de Frannça combater a favor da religião, vingada por Carlos VII, estão encarregados da organisação d'uma parte do exercito. Mas emquanto os carlistas combatem estorce-se nas agonias da morte a dynastia Saboiana; porque M. Zorrilla é o homem destinado a preparar em Hispanha a transição da monarchia á republica com o menor abalo possivel, e até sem se dar ao trabalho de fazer cumprimentos á monarchia.

As eleições são uma prova clara e sem contestação do que acabamos de dizer. Segundo as ultimas noticias, sairam 297 deputados radicaes; 79 republicanos; 14 affonsistas; 10 conservadores dynasticos; dous independentes, e um indefinido, que é o snr. Sabater.

Houve tres vagas por suspensão de eleições.

Victor Manuel, prevendo a queda fatal de seu filho mandou o principe Humberto fazer uma vizita a seu irmão e depois passar-se de Madrid a França a fim de captivar o auxilio de Thiers. Com o mesmo fim, por causa da Italia, foi M. Ratazzi a Pariz. E' que Victor Manuel não se acha seguro nas promessas que lhe fez Bismark.

Falla-se, já na abdicação de Amadeu e em outras coisas de mais gravidade, mas que por ora correm como leves rumores. O partido republicano manifestou-se em algumas partes, abstendo-se da lucta eleitoral e protestando vingar-se da coacção do governo zorrillista.

O partido carlista resolveu ir ás eleições municipaes e provinciaes, attendendo a que a boa administração d'estas póde contribuir muito para o bom exito da sua causa.

SECÇÃO NOTICIOSA

Illustre enfermo.—Está gravemente doente o distincto cavalheiro e nosso especial amigo o Ex.mo Sr. Francisco Jacone de Souza Pereira Vasconcellos. Ao Ceo mandamos rogos e fazemos promessas pelas suas melhoras e prompto restabelecimento de saude.

Chegada.—Ha dias chegou a esta cidade, vindo de França, o joven e illustrado ecclesiastico, o Reverendo Sr. P.e José Joaquim da Silva Freitas, filho do nosso amigo, o Ex.mo Commendador Senna Freitas. Tendo estado gravemente doente em Paris, aonde se acha ha não poucos annos; lhe deram de conselho os medicos de França, que para seu completo restabelecimento viesse a Portugal tomar ares patrios, e fazer uso dos banhos do mar das suas costas. Dizem-nos, que em consequencia d'estas indicações veio a Braga abraçar a seu Pae, que ha annos não via; e já partiu para o mar da Povoa de Varzim.

Damos as boas vindas ao nobre ecclesiastico, que pelos serviços que já tem feito á Egreja, e sua litteratura honra a patria e a familia; e muito folgariamos, que permanecesse entre nós por mais dilatado tempo.

A seu bom Pae dirigimos as nossas felicitações.

Desordem e ferimento.—Na romaria que se costuma fazer á Senhora do Porto, no dia oito de setembro no concelho da Povoa de Lanhozo, houve este anno grande pancadaria, resultando ficar o celebre *Sediço* da Povoa com a cabeça quebrada e em perigo de vida.

Cataracta do rio Olo, no Concelho de Mondim de Basto, provincia de Traz os Montes. — Li no seu muito acreditado semanario, n.º 77, do corrente anno, na local sob o titulo de —*Cataractas famosas*— a relação de muitas que existem por esse mundo de Christo; mas não vi apontada uma, ou mais, que temos no nosso Portugal, n'esta provincia de Traz-os-Montes. Pois na verdade valia a pena, por que a cataracta de que lhe vou fallar, é pouco menor em altura do que a de Terni, e muito maior que a de Tivoli.

Ha muito tempo que planisei a descripção d'esta grande cataracta, para fazer publicar no seu jornal; mas os meus improbos e continuos trabalhos não me tem deixado realisar o meu plano. Dar-lhe-hei uma leve descripção da dita cataracta, reservando-me para occasião opportuna uma mais desenvolvida, mesmo em relação a este concelho, tam pouco conhecido.

Nasce o rio Olo quasi da crista da serra de Machados prolongação do Marão, na sua encosta occidental, ao lado norte da freguezia de Lamas d'Olo. Ainda n'esta freguezia recebe um outro riacho, e d'ahi até Barziguêtho, povo da freguezia d'Ermêllo, engrossa a sua corrente precipitada com differentes vertentes, que se despenham por entre a infinidade de montes, que servem como de degraus para se subir á dita serra de Machados.

Chegando ás Fisgas, (corte a prumo d'uma alta serra), cae em tres cascatas n'um fundo pedregoso e em forma de zigue-zague; arrastando-se furioso e precipitado aos pés da freguezia de Ermêllo, indo juntar-se ao Tamega uma legoa, pouco mais ou menos, acima de Amarante.

Este rio Olo, que terá o volume d'agua egual ao Leça, ao formar a cataracta, tem na sua primeira queda de 8 a 10 metros; na segunda de 5 a 6, mas na terceira deve ter 80. 240 pés.

Os visitantes e os naturaes, costumam, para poder ver este grande phenomeno, deitar-se de bruços, e alguns pedem os segurem pelos pés; pois quasi todos sem estas precauções, perdem os sentidos.

Os naturaes medem a sua altura lançando uma grande pedra; e, antes que chegasse esta ao fundo do abysmo, tem tempo de resar uma Salve Rainha.

Entre as grandes fragas que formam uma especie de canal, muito tortuoso a esta medonha cascata, fazem as aguias os seus ninhos; e ha quem vá, suspenso d'uma corda e dentro d'um cesto, tirar-lhe os filhos!!

Quando poder darei outros muitos interessantes esclarecimentos; estes são muito á pressa.

J. Ramos.

A Biographia moral do snr. Sampaio.—A «Gazeta do Povo» publicou um documento, no qual vem assignado o redactor da «Revolução de Setembro» e em que se davam patentes a diversos officiaes, que tomariam parte n'um *revolta republicana*; isto passava-se no anno de 1848.

A folha do *ministro do reino* longe de negar o facto, confessa-o, apontando os companheiros que então tinha o sr. Sampaio, querendo desculpar-se com o facto de que n'este paiz sempre se tem conspirado e todos o tem feito.

Eis aqui como nós estamos seguros com as monarchias liberaes!

E depois, guardem no meio de bayonetas, o Senhor D. Luiz, quando vai ou vem de Cintra.

Ah! que será de nós se não acordarmos já?!...

Deixa tudo a liberdade —Poesia com que nos mimoseia o *Tio Simplicio*:

Não estranhe que um tartufo
abalisado escriptor
seja algoz ou defensor
de qualquer um ministerio.
Seja mentira ou verdade
seu estirado aranzel,
ai, soffre tudo o papel
—deixa tudo a liberdade

Ha verbos mui portuguezes,
que retenho na memoria
e servem p'ra tal historia;
amalga'a justiça ás vezes.
Diz-se corre é voz e fama
esta ou aquella maldade;
o rei faz certas vizitas...
conspiram os jesuitas....
—deixa tudo a liberdade.

Se qualquer um regedor
n'esse tempo de eleições
pregar quatro cachações
no pobre d'um eleitor,
e o filho p'ra recruta
mande sem dó nem piedade,
tem p'ra ti ser grande asneira
o queixar-te da morateira.
—Deixa tudo a liberdade.

Se qualquer um deputado
vier teu voto pedir,
porque dezeja partir
para Lisboa o coitado;
se, o homem te prometter
na porta de tua herdade
bater de ferro o caminho,
dá-lhe logo o teu votinho,
—deixa tudo a liberdade.

Se qualquer um ministerio
pedir tudo que fôr teu,
se disser que o reino é seu
não segredes tal mysterio.
Dá-lhe os anneis, deixa os dedos,
vae soffrendo a crueldade;
que pódes, por desordeiro
dar fundo no limoeiro,
—deixa tudo a liberdade.

Não viste a mão liberal
ahi de certos confrades
roubaram os bens dos frades
e só disseste--que tal!!
Muito respeito ás finanças;
reina ahi toda equidade.
Bulha... credo, não façaes
deixai verder os passaes
—Deixa tudo a liberdade.

Podeis fallar contra Christo
que ninguem vos encommoda;
passaes por gente da moda,
sois liberaes, está visto:
podeis mesmo apedrejar
as irmãs da Caridade;
fallar até contra o papa
e roubar a *el-rei* a capa,
—deixa tudo a liberdade.

Não estranhes que um *diario*
seja da *tarde* ou da noite
a berrar todo s'affoite
e seja um incendiario.
Embora sejam *urbanos*
como a gente da cidade
pódes chamar-lhe *loureiros*
fajardos ou *avelleiros*
—deixa tudo a liberdade.

Se das altas regiões
vier parva portaria
e a gente séria se ria
deixae fallar os ratões.
Vêde aquella que diria
com toda a fraternidade:
A communa é o jesuitismo!
Deixae fallar o cynismo
—deixa tudo a liberdade.

Não faças caso d'asneiras
sejam de qualquer quilate
reina hoje o disparate
n'essas sessões camareiras.
Entre o sabio e grande orate
e.... *nos quoque frates sumus*
vamos fazendo resumos
—deixa tudo a liberdade.

Se além, em qualquer esquina
levardes pau ou cacete
derrubando o capacete
de vossa tóla mofina,
cumprimentae o parceiro
com toda a fraternidade.
Olhae, que são bons ratões
dizei c'os vossos botões
—deixa tudo a liberdade.

Eu tambem faço de sucio
e vou dando por tabella
n'esta entidade ou n'aquella
seja Paulo, Pedro ou Lucio.
Chamae-me pois tagarella
que não será falsidade,
não fôra o mêdo á cadea.....
tristis est anima mea
—deixa tudo a liberdade.

Tio Simplicio.

Errata.—Na Revista Estrangeira do n.º passado do nosso jornal escaparam alguns erros, que agora devem ser corrigidos. Aonde está =*o valente Baldrich*= deve lêr-se *o valente Saballs*; e a local que tinha a epigraphe =*Terrivel incendio*= deve ler-se =*Terrivel naufragio*=.

Lamentavel desgraça. — Constanos que na noite de segunda para terça feira virou-se uma lancha na Povoa de Varzim, perecendo onze pescadores.

Melhoramentos.—Organisou-se uma commissão presidida pelo snr. consilheiro Adriano Machado com o louvavel fim de melhorar o tão util estabelecimento dos banhos de Vizella.

Um testamento bem feito. — O nosso collega e amigo o «Correio da Tarde» traz, n'um de seus numeros a seguinte e curiosa noticia:

«Um monge capuchinho muito conhecido no bairro de Saint Jacques, em Paris, onde com as suas esmolas mantinha, n'este pobre bairro, muitos indigentes, acaba de morrer, deixando entre os seus papeis o seguinte curioso testamento:

«1.º Lego ao abbade Michaud o meu breviario, porque elle não sabe lêr o seu.

«2.º Lego ao sr. Julio Favre o meu habito para occultar a sua vergonha.

«3.º Lego ao sr. Gambetta o meu cordão, que lhe poderá ser util um dia atado á volta da garganta.

«4.º Lego ao snr. Thiers uma das suas obras, para que a torne a lêr.

«5.º Lego á França o meu alforge, do qual bem depressa precisará para pedir esmola».

Boa morte.—D'uma carta, que o parocho de Santo Eloi escreveu ao «Univers» de 27 d'agosto, vê-se o quanto foi piedoso e devoto o trespasso do conde de Rochefort de Lucay, pai do celebre Henrique Rochefort, auctor da «Lanterna», fundador dos jornaes a «Marselheza», o «Mot d'ordre» e outras publicações *ejusdem furfuris*; e o quanto foi grande o ultrage feito por este á memoria d'aquelle, celebrando com grandes pompas de impiedade o enterro civil de quem lhe deu o ser e com quem não cumprira o dever de o soccorrer na adversidade.

Respeitavel ancião, de longo cabello branco, de figura magestosa e cheia de doçura, de maneiras distinctas e da mais apurada polidez, o conde Rochefort nunca perdeu a fé, segundo elle mesmo sempre disse, e antes profundamente se desgostára com o procedimento politico e religioso de seu filho. Da edade de 80 annos cahiu em mortal enfermidade, preparando-se com todos os sacramentos da Egreja Catholica, recebidos com a maior veneração, respeito e edificação de duas filhas e uma sobrinha, que se acercavam do leito, ministrando-lhe os soccorros da arte.

Cura miraculosa.—São bem dignas da historia e da consideração dos fieis as curas obtidas por intercessão dos Padres Jesuitas assassinados pela communa.

E' notavel a cura de Adelaide Gain, por ella mesma referida, e por muitas pessoas presenceada.

Soffria, ha muito, de dores agudas n'um joelho e tão agudas que até o contacto da roupa lhe era summamente doloroso e insupportavel, sendo preciso fazer-lhe um arco para ficar em completa inacção.

Deram-lhe todos os medicamentos que a sciencia conhece e a arte applica em taes casos; botões de fogo no joelho por cinco vezes; vesicatorios, incisões etc. porem a molestia resistia a tudo.

Manifestou-se-lhe uma *peritonite*; sobrevieram-lhe golphadas de sangue que a deixaram quasi morta.

Orou fervorosamente ao P.e Olivaint que lhe desse saude; e, depois de uma novena cujo ultimo dia coincidia com o da traladação dos corpos dos martyres da communa, do cemiterio para a Egreja de Jesus, levaram-n'a e fizeram-lhe tocar o caixão do P.e Olivaint. De repente se levantou e deu acções de graças por tamanho beneficio.

A modestia e a cura são acompanhadas de muitissimas circumstancias que tornam o facto miraculoso e nada deixam a desejar a um espirito devorado pela indifferença religiosa. E' ella mesma que as conta, e a directora do orphanotropho, a que ella pertence desde a idade de 14 annos, as confirma.

A matança de S. Bartholomeu.—Os nossos collegas o «Correio da Tarde» e a «Nação» respondem d'uma maneira satisfatoria ás accusações, mil vezes feitas pelos adversarios da religião catholica, e outras tantas destruidas pelos zelosos defensores d'esta, e hoje renovadas pelo «Conimbricense» e pelo «Bracarense», a respeito da matança de S. Bartholomeu.

Bem dizem os collegas que estes senhores não sabem historia, ou antes, sabem-n'a mas faz-lhes conta adulteral-a.

Esperamos que o «Conimbricense» e o «Bracarense», assiduos leitores dos *Ensaios sobre a Historia geral* e do *Espirito de Jesus Christo a respeito da tolerancia*, respondam ás reflexões negativas dos nossos estimados collegas.

«A proposito de *Saint Barthelemy*, o «Conimbricense» e o «Bracarense» (folha «religiosa», segundo se lê no alto de suas columnas!!) publicaram ha dias o seguinte, que não passa d'uma torpe calumnia contra Gregorio XIII; pelo modo como a coisa é representada:

«E finalmente, logo que chegou a Roma a noticia d'estes barbaros assassinios dos protestantes, o papa Gregorio XIII mandou dar salvas de artilheria no castello de Santo Angelo, e egualmente mandou cantar um solemne *Te-Deum* em acção de graças!!!

A *Saint Barthelemy*, nome pelo qual é conhecida a horrivel matança dos protestantes no dia de S. Bartholomeu de 1592, é um dos actos de mais feroz intolerancia religiosa que se tem visto».

Em primeiro logar é hoje geralmente sabido, e até confessado pelos protestantes de boa fé, que o Papa Gregorio XIII não mandou dar nenhum tiro d'artilheria nem cantar nenhum *Te-Deum* por se ter derramado sangue, fosse elle de quem fosse; mas exactamente por se não ter derramado;—isto é *«por ter sido salva a familia real de França d'uma horrivel conspiração de seus inimigos»*. Foi isto o que se communicou ao Pontifice, que mais tarde, quando soube o que realmente se tinha passado, manifestou o seu profundo desgosto, como já em França varios Bispos o tinham francamente manifestado.

Em segundo lugar não foi a intelerancia religiosa, mas sim a politica que causou aquelles crimes. Os protestantes não foram assassinados por serem inimigos pessoaes do rei; por conspirarem contra o Estado mantendo relações secretas com os inimigos da patria, etc., etc.

O «Conimbricense» devia saber isto. O Bracarense... do «Bracarense» não dizemos nada.

Como é um jornal «religioso» —*catholico-liberal*, elle lá sabe porque lhe convem fazer o que faz».

Progresso do Catholicismo na Inglaterra.—O filho do primeiro ministro da Inglaterra, Glandstone, abraçou o catholicismo, e como catholico foi baptisado pelo Arcebispo e cardeal Manning. A irmã de Glandstone já era catholica e o exemplo de suas virtudes deveria influir poderosamente para esta conversão.

Uma retratação.—A «Chronica Religiosa» reza d'uma declaração do professor Francisco Alvares dos Santos, que se achava gravemente enfermo, redigida n'estes termos:

«D'ora em diante não pertenço á sociedade Spiritica brazileira, nem a qualquer outra secreta, riscando d'ellas o meu nome; e peço aos snrs. socios que não me contemplem, nem como socio, nem como assignante do «Echo de Além-Tumulo», pois n'esta occasião estou convencido do erro em que cahi por me affastar dos deveres que me impõe a Santa Religião de meus paes».

EXPEDIENTE

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, com a possivel brevidade. O atraso em que muitos estam tem-nos causado damnos bastante graves e é por isso que fazemos este pedido.

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a *Nação*, na rua do Bem Formoso.

Em Coimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.mº sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o illm.º snr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Vianna, o illm.º snr. Luiz Francisco Pereira, rua da Picota.

Em Lamego, o illm. snr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio ao administrador d'este jornal o snr. Joaquim José Vieira da Rocha, rua do Souto n.º 41.

AGRADECIMENTO

João Marcos d'Araujo Ribeiro, e suas irmãs D. Maria Magdalena Ribeiro d'Araujo e D. Josefa Roza Ribeiro d'Araujo, não lhes sendo possivel ir pessoalmente, como desejavam, agradecer a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião da morte de sua extremosa e sempre chorada mãe D. Gertrudes Umbelina Pereira d'Araujo, e aos srs. capellão e coreiros da Misericordia, e mais Ecclesiasticos que assistiram ao seu officio funebre e celebraram missa por sua alma, o fazem por este meio, protestando-lhes sua eterna gratidão.

Antonio Augusto da Cruz Braga, Jozefa Rodrigues Serzedello e Luiza Maria d'Assumpção Augusta da Cruz Braga, não podendo agradecer pessoalmente, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-as por occasião do fallecimento de sua chorada filha e sobrinha Maria Adelaide Augusta da Cruz Braga, o fazem por este meio protestando a todos sua eterna gratidão.

ANNUNCIOS

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR DO PACIFICO

Paquetes a sahir de Lisboa em direitura ao Rio de Janeiro.

LUSYTANIA a 4 de Junho—CUZCO a 19 de Junho—MAGELAN a 5 de Julho.

Para tratar na rua da Boa Vista n.º 1 em Braga. (71)

Corografia portugueza, pelo P.e Antonio Carvalho da Costa, segunda edição. Vende-se n'esta cidade na Livraria Catholica, e na casa do editor, Manoel Joaquim de Castro Loureiro.

Thesouro Mystico, pelo padre missionario Joao Manoel de Souza Teixeira.

Vende-se na **Livraria Catholica** por 240.

AGENCIA EM MACAU

Carlos José Caldeira Junior, tem escriptorio e casa de commercio n'aquella cidade, na rua Central n.º 28.

Incumbe-se da compra e venda de generos, por modica commissão, e de quaesquer negocios judiciaes ou nas repartições publicas.

Quem desejar mais alguns esclarecimentos pode dirigir-se a seu pae Carlos José Caldeira, residente em Lisboa, estrada de Chellas 63, ou procural-o na livraria Lavado, rua Augusta n.º 95, na mesma cidade.

Os Fidalgos do Coração de Ouro

Romance

POR

Manoel Pereira Lobato

4.º e ultimo vol.

Vende-se nas livrarias Catholica, rua do Souto, e Chardron, Largo de S. Francisco.

Preço de cada vol. . . . 200 rs.

BRADOS D'ALMA

Collecção de diversos escriptos sobre assumptos de religião, philosophia e litteratura

POR

CUSTODIO VELLOSO

Preço..... 500 réis

(Pagos no acto da entrega)

Assigna-se na redacção d'este jornal.

O MARTYR DO GOLGOTHA

TRADICÇÕES DO ORIENTE

POR

Henrique Peres Escrich

TRADUZIDA

POR

Antonio Moreira Bello.

Preço . . . . . 1$200

Esta obra é a mais bella e explendida da litteratura christã até hoje publicada, e elogiada por toda a imprensa do paiz.

Vende-se na Livraria Catholica d'esta cidade.

NOVO PAROCHO

INSTRUIDO

NAS MATERIAS MORAES

PARA O EXAME SYNODAL,

Indispensavel a todos os Parochos, e Confessores, illustrado com o Direito Municipal nas partes competentes, e dirigido por seu Author para utilidade do Clero Bracarense.

Obra posthuma do P. Fr. Serafim da Conceição.

Vende-se em casa do snr. Francisco Manoel Gonçalves, rua Nova n.º 10.

2 vol. . . . . 500 rs.

Sermão celebrando o faustissimo dia do XXVI anniversario da gloriosa coroação de N. S. S. Padre Pio IX, o Grande, prégado na parochial egreja de Nossa Senhora dos Mortyres em Lisboa, pelo padre Joaquim da Silva Serrano **Prior de Bellas.**

Vende-se n'esta cidade na **Livraria Catholica** por 100 rs., e 105 sendo remettido pelo correio.

A MOCIDADE

O jornal litterario e instructivo, denominado *A Mocidade*, que se publicou até ao n.º 6, por uma sociedade, ficou sendo do n.º 7 em diante, propriedade do sr. Ximenes Leopodino Correia, sairá regularmente todas as semanas e por isso enviamos a V. S.ª, o presente prospecto apresentando as seguintes vantagens que tornam favoravel a sua assignatura.

A quem assignar por 6 numeros, adiantado, terá direito á collecção.

Collaboradores

A Ex.ma Sr.ª D. Maria José da Silva Canuto
Os srs. Theophilo Ferreira.
Antonio Florencio Ferreira.
Pedro Carlos d'Alcantara Chaves.
J. M. da Silva Albuquerque.
João Antonio de Mattos.
J. T. Vidal.
J. L. Augusto Costa.
Fernando Correia.
D. V. Cardoso da Gama.
Julio Rocha.
C. C. Rodrigo de Faria.

Preço de cada folha 20 réis pagos no acto da entrega, para as provincias, por 6 n.os 150 réis, pagos adiantados.

Todas as correspondencias devem ser dirigidas, francas de porte, ao proprietario da *Mocidade*, á typographia da rua dos Cardeaes de Jesus, 56.

Este jornal vende-se no kiosque do Rocio e nas lojas do costume.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Livros em segunda mão á venda na Livraria Catholica, Rua do Souto e na Livraria d'Eugenio Chardron, Largo dos Terceiros—Braga.

Antoine (G.) — Compendium Theologiæ moralis universæ, 1802. 2 vol. enc. 500
Beltrão (J. D.) — Breve tratado da actual disciplina da Egreja Lusitana, 1817. 1 vol. 4.º 300
Benedicti XIX (S. D. N.)— Constitutiones selecte, nec non bullæ, decreta, epistolæ, etc. Parochis, confessoris etc, 1784. 2 vol. 4.º gr enc. n'um. 720
Benedicto XIX (Pastoral de N. SS. Padre), de gloriosa memoria, siendo cardeal arzobispo de la Santa Iglesia de Bulonica, e instrucciones ecclesiasticas para su diocesi; traducidas del toscano por el R. P. Fr. Facundo Raulin, 1775, 2 vol. 4.º enc. 800
Benedicti XIX (S. D. N.) — De synoso diocesana, 1775. 2. 4.º gr. enc. 800
Bergier — Diccionaire de theologie moralle, édition augmentée du plan de la théologie, 1858. 4 vol. 4.º enc. 2:400
Berardi. (*C. S.*) — Decretalium professoris commentaria in jus ecclesiasticum universum, 1789. 2 vol. 4.º gr. enc. 800
Cavallario — Institutionis juris canonici, ac. sex tomos distributae. 1796. 6 vol. 4.º enc. 12:000
Defensor (O) da religião — em palestras religiosas, em soccorro dos R. R. Parochos, com homilias para todos os domingos, em disputas com incredulos, motivo e origem d'estas disputas. Catecismo Catholico pelo Defensor da religião, 1837-1840 14 vol. 4.º enc. em 7 vol. 2.500
Garrett — A dolorosa paixão de Nosso Senhor Jesus Christo segundo as meditações de C. A. Emmench, 1842. 1 vol. 4.º enc. 400
Gomes (V.) — A biblia da natureza ou a religião Catholica demonstrada pela natureza e razão, 1856. 1 vol. 4.º 300
Le Febure—A unica religião verdadeira demonstrada contra os atheos, deístas, e todos os sectarios. Trad. por Angelo dos Santos, 1781. 1 vol. 8.º enc. 250
Pape (Du)—par l'auteur des considerations sur la France, 1819. 2 vol. 4.º enc. 500
Royaumont—Historia Sagrada do velho e Novo testamento, com explicações e doutrinas dos SS. Padres;—trad. por L. P. da Silva ed. 1791. 2 vol. 8.º enc. 400
Salamo et M. Gelabert. — Regula cleri, ex sacris litteris sanctorum patrum monimentis, ecclesiasticis que sanctionibus excerpta, 1829. 1. vol. 8.º enc. 360
Serafim da Conceição (Fr.)— Novo confessor instruido na pratica do confessionario; doutrina extrahida da escriptura, Concilios, santos Padres etc. 1814. 4 vol. 8.º enc. 800
S. Luiz (A.)—Mestre de ceremonias, que ensina o rito romano, e serafico aos religiosos da reformada, e real provincia da Immaculada Conceição, 1780. 1 vol. f.º enc. 1:440
Thomaz dos Reis (A.)—Methodo da liturgia Bracharense em que se expoem fundamentalmente e com clareza o modo de celebrar com a devida perfeição o Sacrosanto sacrificio da Missa assim rezada, como cantada etc., 1837. 1. vol. 4.º gr. 500
Villa do Conde Carneiro. (*Fr. Franc.*) Dissertação theologica e canonica, em que se mostra serem devidas por differentes principios as oblações, 1794. 1 vol. 8.º enc. 200
Araujo—Cursus theologici 1734 2. vol. f.º enc. 1:000
Azevedo—Discursos morales en las fiestas de la Reina del cielo nuestra Señora. 1602. 1 vol. f.º enc. 800
Berti—Opus de theologicis disciplinis. 1760 7 vol. f.º enc. 3. 2:000
Calmet—Prolegomea e dissertationes Sacrae scripturae. 1734 2 vol. f.º enc. 1:200
Ceremonial—monastico reformado da congregação de S. Bento de Portugal 1820 1 vol. f.º enc. 2:000
Conceição. (Mel. da)— Ceremonial seratico e romano para toda a ordem Franciscana, 1730. 2 vol. f.º enc. 1. 2:000
Constituições synodaes do Bispado do Porto, novamente feitas e ordenadas por D. João de Souza, 1690. 1 vol. f.º enc. 1:500
Du Hamel—Biblia sacra, vulgatae editionis 1748. 2 vol. f.º enc. 2:000
Hugonis de S. Charo - Opera omnia in universum vetus et novum testamentum 1703. 8 vol. f.º enc. 4:000
Le Blanc—Psalmorum davidicorum analisis, 1726. 6 vol. f.º enc. 3:000
Nogueira—Expositio Bullæ cruciatæ lusitana, 1716. 1 vol. f.º enc. 600
Reiffenstuel—Theologia moralis brevi, clasaque methodo comprehensa, 1758. 2 vol. f.º enc. 1. 600
Roncaglia—Universa moralis theologia qua non solum principia & ad usum confessariorum, 1736. 2 vol. f.º enc. 1. 600
Salmanticensis — Cursus theologiæ moralis, 1734. 6 vol. f.º enc. em 3 vol. 2:400
Thomassino—Vetus et nova ecclesiæ disciplina circu beneficia et beneficiarios, 1730. 3 vol. f.º enc. .2000
Vieira (F.)—Voz evangelica que nos mudos os caractéres etc. 1708. 1 vol. f.º enc. 1.000

EDITOR
M. J. V. da Rocha.

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1872